



Dwayne Johnson, o The Rock, brilha em papel de lutador  
PÁGINA 3



Deco Fiori lança seu segundo álbum solo pelo selo Clube Novo  
PÁGINA 5



Copacabana Palace receberá cerimônia do Guia Michelin  
PÁGINA 7

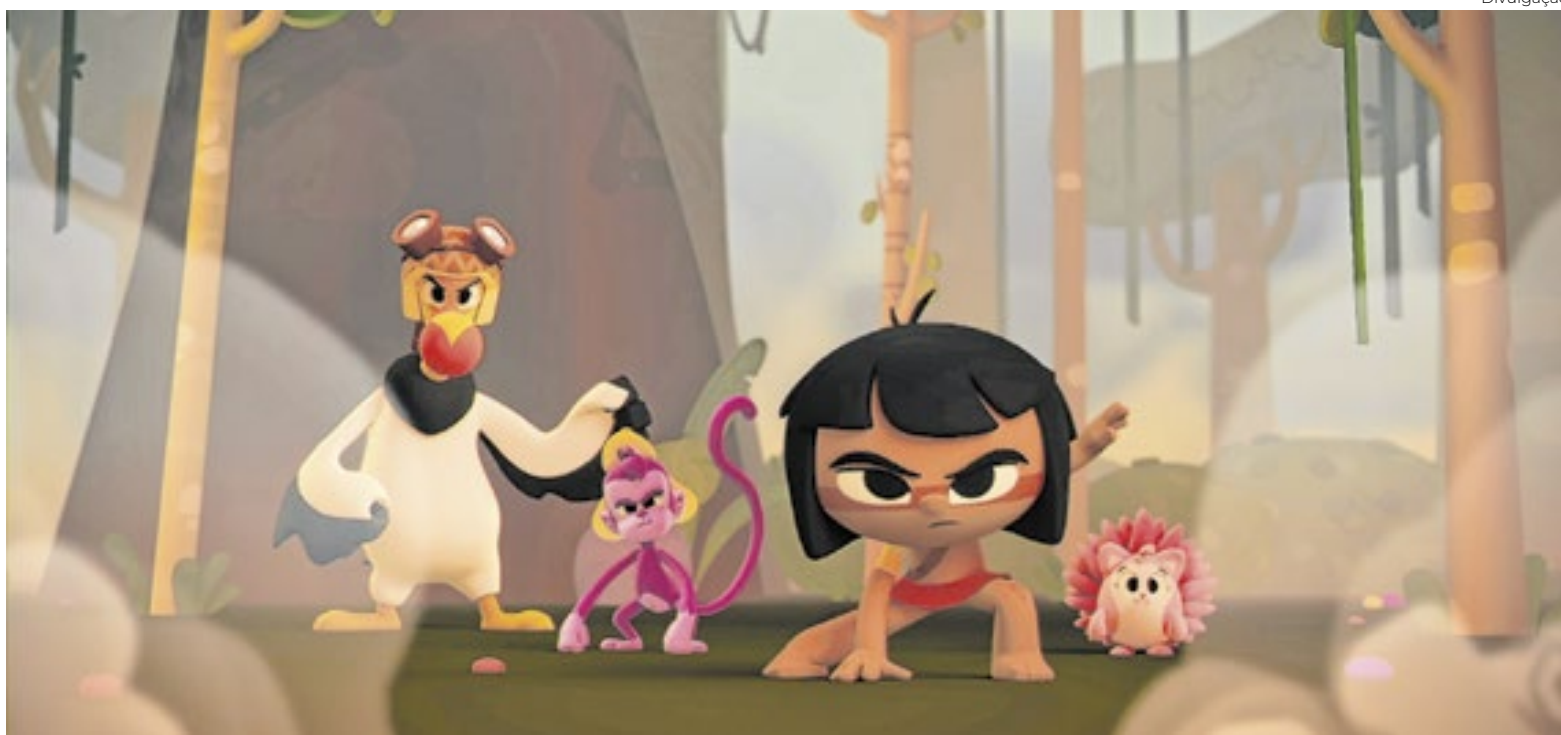
#cm  
2  
SEGUNDA-FEIRA



Tainá mira  
nos corações natalinos

Em **pleno 25 de dezembro**, a pequena **heroína indígena** imortalizada em trilogia de filmes iniciada há 25 anos **regressa à telona**, agora em longa de animação, com **Fafá de Belém** no elenco de vozes. **PÁGINA 2**





Divulgação

# A pequena heroína das matas

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

**D**anadinha, Tainá não dá a menor pelota para a concorrência com a Disney, em “Zootopia 2”, ou para o novo longa-metragem do Bob Esponja, nem se intimida com o avanço de produções asiáticas (como o desenho japonês “Scarlet”) e europeias (caso de “A Pequena Amélia”), que buscam espaço – e sucesso – nessa temporada de férias. Tom & Jerry estão na boca de voltar em cartaz, e ela não dá nem tchum para eles. Há um quarto de século, essa indígena de dentes de leite flechou o coração do público brasileiro, sob o carisma da então menina Eunice Baía, hoje adulta. Agora, no Natal, em pleno 25 de dezembro, essa defensora da floresta promete cobrar seu lugar de honra no imaginário da cinefilia do país. Retorna às telonas em forma de animação e promete lotar salas.

Neste ano em que “Safo”, de Rosana Urbes, buscou prêmio para nosso audiovisual nas telas do Festival de Annecy (Meca animada do planeta, situada na França), um punhado de longas com CEP em nossos estados encontrou espaço em circuito, ainda que a duras penas. São eles: “Abá E Sua Banda”, de Humberto Avelar; “Nosso Louco Amor”, de Nelson Botter Jr.; “Ni-muendajú”, de Tania Anaya; e “Eu E Meu Avô Nihonjim”, de Célia Catunda.

Quarta-feira passada, a Berlina-



Divulgação

Eunice Baía em cena do primeiro longa da série lançada há 25 anos

le anunciou a escalação de “Papaya”, de Priscilla Kellen, para sua programação de 2026, o que abre espaço para o setor de animadoras/es num dos maiores festivais do mundo, em fevereiro. Nesse rol de conquistas, “Tainá e os Guardiões da Amazônia – Em Busca da Flecha Azul” ajuda a desbravar a atenção do público

pagante em meio à temporada de festas de fim de ano. “Tainá está em cartaz há 25 anos, desde o prêmio de melhor filme no Festival do Rio de 2000”, celebra Virginia Limberger, produtora do longa animado. “Uma trilogia foi feita em live action e, desde 2019, trouxemos Tainá para o mundo da animação com a série ‘Tainá e os Guardiões da Amazônia’, que já tem duas temporadas no ar, com 44 episódios voltados às crianças do pré-escolar. O filme

Nova versão de Tainá, agora um longa-animado, pode assegurar ao Brasil salas cheias neste fim de ano

“São muitos os desafios em produzir filmes para a infância. Mas no final sempre vale a pena!”

VIRGINIA LIMBERGER

que estamos lançando no dia 25 de dezembro conta a jornada de nossa personagem em se tornar a guardiã e como ela conheceu seus amigos.”

Encontrar Tainá novamente nas telas grandes do cinema cumpre uma vocação da heroína das matas, já que ela foi criada para os cinemas. Ali nas raíais da pandemia, ela ganhou uma série de animação que só no canal do Youtube já teve mais de 20 milhões de visualizações. Cravou ainda um curta-metragem, livros e histórias em quadrinhos.

“Foi uma árdua jornada”, desabafa Virginia. “São muitos os desafios em produzir filmes para a infância. Mas no final sempre vale a pena! Levar a mensagem de cuidado com a Natureza e com os outros seres, em toda sua diversidade, para as crianças já se tornou uma missão para nós, da produção. Tenho orgulho em poder dar continuidade ao legado do (produtor) Pedro Rovai, que criou essa incrível personagem, a única heroína genuinamente representante dos nossos povos originários”.

Construída na voz da atriz paraense Juliana Nascimento, Tainá agora inicia seu treinamento para se

tornar Guardiã da Amazônia. Entre as figuras que cruzam seu caminho está Mestra Aí, a bicho-preguiça ancestral interpretada por Fafá de Belém, que se torna sua orientadora. Também aparecem Catu (Caio Guarnieri), um macaquinho encrenqueiro; Pepe (Yuri Chesman), o sábio urubu-rei; e a charmosa ouricinha Suri (Laura Chasseraux). São companheiros de uma batalha ecológica, que desempenham papel central na jornada da protagonista, com roteiro de Gustavo Colombo, coautor do argumento com Rafael Campos Rocha.

“Vi o primeiro filme da Tainá ainda criança, com a minha escola, num cinema de Canoas, no Rio Grande do Sul, e carreguei essa lembrança até hoje, pois ela virou um símbolo da cultura pop”, diz o animador gaúcho Jordan Nagem, que divide a direção de “Em Busca da Flecha Azul” com Alê Camargo. “Estudamos muito o que foi feito em live action com a Tainá, cientes do respeito e do carinho que o público tem pelas narrativas de aventura. O maior desafio de se manter a regularidade na produção de longas animados no Brasil, sobretudo sem fontes de apoio mais específicas para o setor, é o custo e a duração. Em geral, um filme desses consome de quatro a cinco anos de trabalho. O nosso, acelerado, pelo fato de já existir uma série, levou três anos”.

Antes de chegar ao circuito comercial, a produção de Nagem e Alê teve sessões especiais na COP 30, na Casa BNDES, em Belém, e passou pelo Festival do Rio. A produção é da Sincrocine Produções, em coprodução com Tietê Produções, Hype Animation, Brisa Filmes, Claro e RioFilme (órgão da Secretaria de Cultura da Prefeitura do Rio); codistribuição da RioFilme e distribuição da Paris Filmes; com patrocínio do BNDES e da Fujifilm e apoio da Yellow Pós.

Na trama que essa turma tirou do papel, os Guardiões da Amazônia estão sempre prontos a ajudar os animais, proteger e cuidar da floresta. Tão diferentes uns dos outros, eles terão que aprender a vencer as diferenças e a valorizar a amizade para formar uma equipe e cumprir a missão: encontrar a Flecha Azul e impedir que um grande mal – o terrível Jurupari – queime a floresta e destrua toda a Amazônia. Ao longo de 78 minutos, esse enredo é uma garantia de emoção, embalado em canções originais de Cezar Brandão, na trilha sonora de Ed Cortês e Felipe Sciotti.

Fora o regresso de Tainá, há uma fila de longas animados finalizados recentemente a serem lançados comercialmente em breve, entre os quais “Cordélicos”, de Ale McHaddo; “Glória E Liberdade”, de Letícia Simões; “No Coração das Trevas”, que rendeu a Rogério Nunes o troféu Redentor de Melhor Direção no Festival do Rio; e “Revoada – Versão Steampunk”, de Ducca Rios, que foi sensação na Mostra de São Paulo.



# A rocha da fragilidade

Eric Zachanowich/Diamond Films

Aos 53 anos, Dwayne Johnson, astro que trocou a luta profissional pelas câmeras, galga uma trilha de consagração em ‘The Smashing Machine’, que lhe valeu indicação ao Globo de Ouro

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã



Dwayne Johnson revive a saga de apogeu e delírio de Mark Kerr nos ringues em ‘Coração de Lutador’, que pode render premiações ao ator

A atração da “Tela Quente” desta segunda-feira na Globo, à frente de “Operação Natal”, em luta para salvar o Papai Noel, Dwayne Douglas Johnson encerra 2025 com uma conquista rara para astros que alcançaram notoriedade pelas veredas da ação: uma indicação ao Globo de Ouro. O rol de conquistas do drama “Coração de Lutador: The Smashing Machine”, recém-chegado ao streaming, disponível na Apple TV e na Amazon Prime, começou em setembro com a indicação ao Leão de Ouro do Festival de Veneza, que rendeu a láurea de Melhor Direção a Benny Safdie. Há 19 anos, quando o ator, ainda conhecido como The Rock (alcunha oriunda de seus tempos de ferrabrás da luta livre), foi a Cannes, para representar “Southland Tales: O Fim do Mundo” na competição pela Palma de Ouro, sua presença na Croisette foi presença de chacota. Em especial por ele andar na companhia de guarda-costas com estatura inferior a dele (1,96m). O tempo, imparável, mudou sua imagem, sem dirimir sua habilidade para mobilizar bilheterias.

Franquias como “Jumanji”, que ele estrela, ou “Velozes & Furiosos”, em que divide tela com Vin Diesel, são ímãs de lucro. Só que Dwayne almeja mais. No caso do trabalho que pode leva-lo ao Oscar, no papel do ás do MMA Mark Kerr, existe o

“Meu pai lutou contra suas próprias dependências, e, em muitos sentidos, eu já tinha visto esse tipo de relação antes, como a do Mark e da Dawn, dentro da minha própria casa”

DWAYNE ‘THE ROCK’ JOHNSON

desejo de dar às plateias um recado: “Pedir ajuda não é fraqueza. É sobrevivência”.

A frase acima partiu de uma entrevista que o artista de 53 anos concedeu sob os auspícios da Golden Globe Foundation. Encarar Kerr é devassar cicatrizes de seu próprio passado. O ícone do octógono, hoje às voltas com uma neuropatia, aos 56 anos, foi duas vezes campeão do Torneio Peso Pesado do UFC e venceu o torneio World Vale-Tudo Championship. No wrestling universitário, foi campeão também. Seu pior adversário foi a dependência de opioides e de esteroides, mas quem mais sofreu os danos de seu vício foi sua (ex-) companheira, Dawn, vivida no longa por Emily Blunt. Benny Safdie codirigiu com o irmão, Josh, produções que reciclaram perso-

nas, como as de Robert Pattinson (em “Bom Comportamento”) e Adam Sandler (“Jóias Brutas”). Agora é a vez do Maciste que despontou para os holofotes de Hollywood em 2001, na pele do Escorpião-Rei, de “O Retorno da Múmia”.

“Durante o processo de filmagem, Emily e eu nos preparamos muito, e mesmo assim foi como se eu tivesse sido atingido por algo que não vi chegando. E isso foi a relação extremamente complicada que tive com meu pai”, disse Dwayne, na coletiva que contou com a presença do Correio da Manhã, e mencionou sua figura parterna, o lutador Wayde Rocky Johnson. “Meu pai lutou contra suas próprias dependências, e, em muitos sentidos, eu já tinha visto esse tipo de relação antes, como a do Mark

e da Dawn, dentro da minha própria casa, enquanto crescia. Meu pai estava tão focado no que queria fazer que não importava quem ele machucava para conseguir isso. Enquanto a minha mãe abriu mão de praticamente tudo em sua vida apenas para apoiar o homem que amava, tudo o que ela queria era ser vista... e isso nunca aconteceu”. Preparado para ser visto, em 2026, na versão em carne e osso da animação “Moana”, na pele do tatuado deus Maui, Dwayne diz ter carregado consigo um amargo ressentimento com seu pai, por muito, muito tempo.

“Quando comecei a filmar, eu carregava isso comigo em relação ao Mark, porque já tinha visto esse padrão antes. Então, quando estou nas cenas com a Emily, levo comigo muita coisa do meu passado, o que inicialmente não me permitia enxergar o seguinte: ‘Espera aí, há um pouco de humanidade aqui’, isso porque o Mark estava tentando dentro da capacidade que tinha, muito limitada por causa das drogas e das batalhas internas — assim como meu pai”, disse o astro, que, em resposta ao Correio da Manhã, contesta o peso da palavra “obsessão” em sua rotina com a fama. “Benny estava conversando comigo e com a Emily durante

um ensaio e nos pediu para pensar no que acontece quando ficamos tão obcecados em ganhar, em conquistar, em atingir objetivos, que o próprio ato de vencer se torna o inimigo. Quando se fica obcecado, aquilo que te levou até ali começa a trabalhar contra você, a te destruir, a te quebrar. Todo mundo se relaciona com a pressão. A pressão por desempenho, por resultados. Todos nós. No trabalho, nos relacionamentos, como pais, como parceiros. É a pressão que todos enfrentamos todos os dias. Isso me deu ainda mais empatia por quem vive pressionado e tem dificuldade em lidar com ela. E também por aqueles que lutam contra depressão e dependência e não conseguem chegar ao outro lado. Que não resistem. Ao longo das últimas décadas, perdi mais de 15 amigos próximos — todos lutadores — por dependência e suicídio. Pela graça de Deus, alguns de nós têm pessoas boas ao nosso redor. Acho que esse tema atravessa todo o filme. O filme é sobre fragilidade”.



# CORREIO CULTURAL



CinemaScopio

Wagner Moura tem atuação elogiada em 'O Agente Secreto'

## 'O Agente Secreto' é abraçado na França

"O Agente Secreto" chegou a 184 cinemas de 146 cidades da França na última semana, conquistando o público, e estreando na vice-liderança das bilheterias locais, atrás apenas de outro lançamento da semana, o novo "Avatar". Além disso, o filme de Kleber Mendonça Filho teve uma recepção historicamente positiva por parte da crítica especializada. Principal jornal do país, o Le Monde definiu

o longa como "obra-prima", e outras importantes publicações locais também abraçaram a produção brasileira. Wagner Moura também foi um dos destaques para a crítica francesa. "Um grande filme sobre o domínio da ditadura com um magnífico Wagner Moura," afirma a revista Le Nouvel Obs. A Vogue aponta o baiano como "um dos melhores atores da atualidade".

## Filme de cabeça

Barack Obama, ex-presidente dos Estados Unidos, incluiu "O Agente Secreto" em sua tradicional lista de filmes favoritos do ano. Obama também mencionou longas como "Uma Batalha Após a Outra", de Paul Thomas Anderson, "Foi Apenas Um Acidente", de Jafar Panahi, e "Valor Sentimental", de Joachim Trier - todos eles cotados para ganhar uma indicação a melhor filme no Oscar. O longa de Kleber Mendonça Filho está entre os finalistas que disputam uma das indicações ao Oscar de melhor filme internacional e de direção de elenco.

### Alta demanda

Os ingressos para o show do Iron Maiden em 25 de outubro de 2026 colocados à venda para o público em geral se esgotaram horas depois de disponibilizados. Devido à enorme procura, a banda anunciou uma data extra em São Paulo: dia 27, também no Allianz Parque.

### Alta demanda II

A nova apresentação integra a etapa da América Central e do Sul da "Run For Your Lives World Tour", turnê que celebra os 50 anos de carreira da banda. O repertório destaca músicas das décadas iniciais do Iron Maiden, com um setlist baseado em canções dos nove primeiros álbuns.

### Simone lança campanha interativa

Willy Biondani/Divulgação

Na celebração de 30 anos do hit "Então É Natal", Simone lança o movimento "Então, o que você fez?", iniciativa que convida o público a refletir sobre suas ações ao longo do ano. No site [www.entaooquevocefez.com.br](http://www.entaooquevocefez.com.br) é possível compartilhar histórias e experiências. A ação está aberta à participação de pessoas, instituições e marcas.



# Identidade por trás de cada canção

Murilo Amâncio/Divulgação

Álbum audiovisual 'Tudo Que Cantei Sou' reúne 14 canções que atravessam a trajetória de Roberta Sá

AFFONSO NUNES

Vinte anos separam a estreia de Roberta Sá e o lançamento de "Tudo Que Cantei Sou", seu 12º álbum e mais recente registro audiovisual. Gravado sem plateia na Casa de Francisca, em São Paulo, o projeto chegou aos aplicativos de música e ao YouTube trazendo um recorte sensível e intimista de sua carreira. Acompanhada apenas por Alaam Monteiro no bandolim e Gabriel de Aquino no violão, a cantora e compositora revisita canções fundamentais de sua discografia num formato que privilegia a essência de cada composição.

A ideia de transformar o show comemorativo em audiovisual nasceu da reação espontânea do público e da equipe que acompanhou a turnê. "Todo mundo que saía do teatro dizia: 'Você tem que gravar isso!'. A resposta foi muito bonita e espontânea", comenta Roberta. Para ela, esses registros funcionam como marcos que documentam e encerram ciclos criativos. Antes deste, vieram "Pra Se Ter Alegria - Ao Vivo no Rio", "Delírio no Circo - Ao Vivo" e "Sambasá (Ao Vivo)". "Sempre que faço um audiovisual, sinto que ele marca bem a fase que estou vivendo e me arrependo quando não faço", conta.

O repertório de 14 faixas escolhidas a dedo inclui clássicos como "Eu Sambo Mesmo" (Janet de Almeida), "Cocada" (Roque Ferreira), "Pavilhão de Espelhos" (Lula Queiroga), "Casa Pré-Fabricada" (Marcelo Camelo), "Fogo de Palha" (Roberta Sá e Gilberto Gil) e "O Lenço e o Lençol" (Gilberto Gil). O título do projeto foi inspirado por um verso de "Olho de Boi" (Rodrigo Maranhão): "O que não falei, sim / Tudo o que cantei sou".

Um dos pontos altos do álbum é o bloco dedicado à produção musical feminina, que reúne compositoras de diferentes gerações e estilos. O segmento inclui "Lavou-ra" (Pedro Amorim e Teresa Cristina), "Juras" (Fernando de Oliveira e Rosa Passos), "Virada" (Manu da



Roberta Sá em trecho do audiovisual que registra sua turnê 'Tudo Que Cantei Sou', lançada como álbum audiovisual

“Essas mulheres representam o que eu acredito que é perene. São artistas com muita consistência e estar próxima delas, cantando suas canções, é reafirmar o lugar da mulher na música brasileira com profundidade e verdade”

ROBERTA SÁ

Divulgação



dou junto”, completa.

Segundo ela, é emocionante perceber como as palavras de Teresa Cristina continuam atuais, enquanto novas artistas, como Dora Morelenbaum, ajudam a renovar seu olhar e ampliar sua bagagem artística. Entre as homenagens, Roberta destaca o tributo a Rosa Passos, referência fundamental em sua formação. “Essas mulheres representam o que eu acredito que é perene, que não é passageiro, nem frívolo. São artistas com muita consistência musical, e estar próxima delas, cantando suas canções, é reafirmar o lugar da mulher na música brasileira com profundidade e verdade”, afirma a cantora, que retorna aos palcos em 2026 com um espetáculo que une repertório histórico, arranjos inéditos e uma releitura contemporânea de seus 20 anos de carreira.

Cuíca e Marina Iris) e “Essa Confusão” (Dora Morelenbaum e Zé Ibarra). “Se estou contando minha história, faz sentido perguntar: quais são as mulheres que me ajudam a contá-la hoje?”, destaca. “Eu sou outra pessoa, completamente diferente de vinte anos atrás, e o mundo também é outro. A minha consciência sobre o feminino mu-



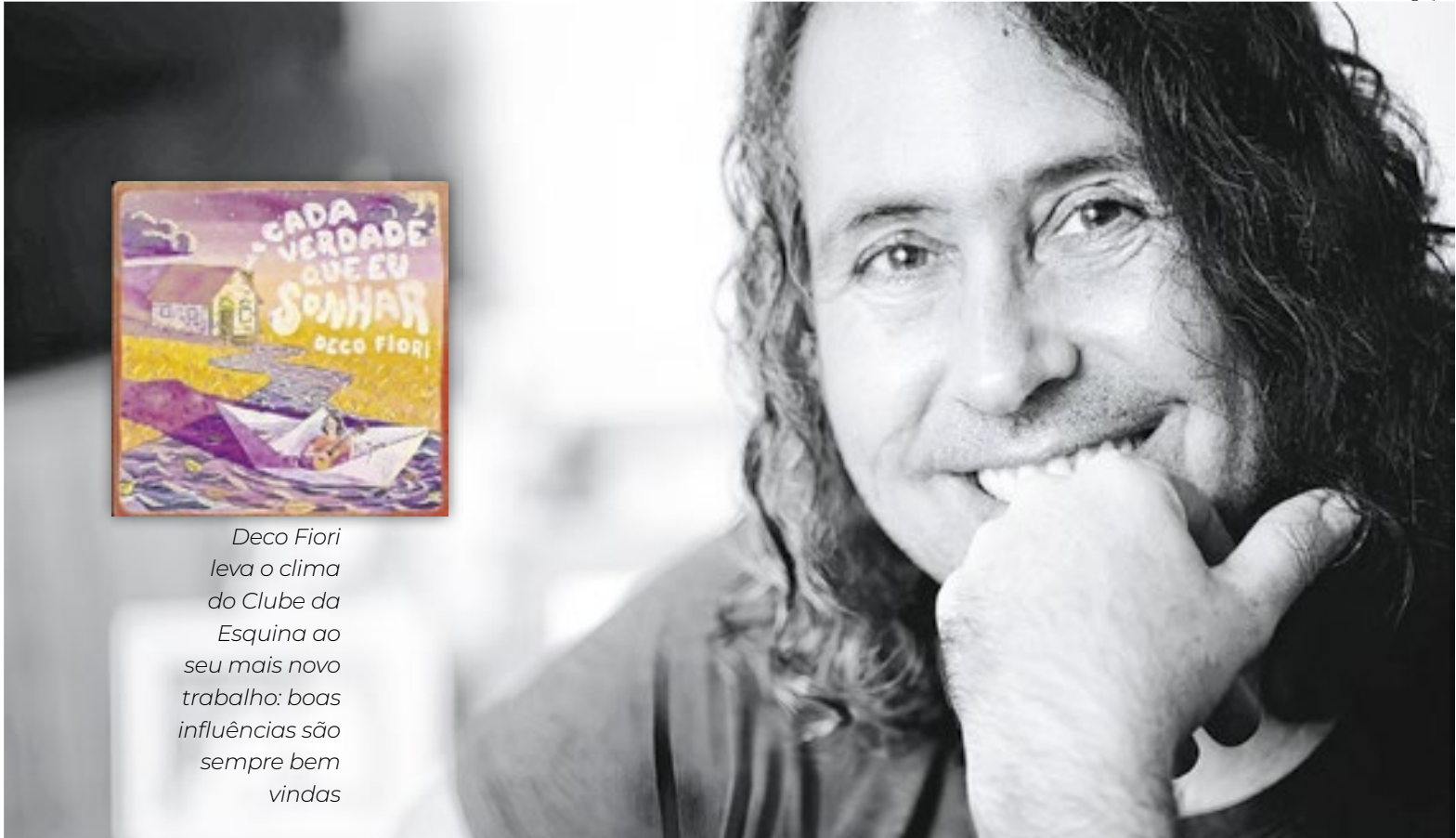
# Voz é pra cantar e se fazer compreender

O cantor e compositor Deco Fiori faz de seu segundo álbum solo, 'Cada Verdade Que Eu Sonhar', mais um belo repositório de canções

AFFONSO NUNES

Dez canções autorais compõem “Cada Verdade Que Eu Sonhar”, segundo álbum do cantor, compositor e instrumentista Deco Fiori. O trabalho, lançado pelo selo Clube Novo, reafirma a parceria com o produtor Marcílio Figueiró, responsável também por “Luz da Criação”, de 2024. Entre influências que transitam de Beatles à MPB e Clube da Esquina, o álbum celebra sonhos e memórias numa bela sequência de canções emolduradas por arranjos assumidamente com jeito de Clube da Esquina e pelo ótio timbre do cantautor.

A faixa-título abre o disco numa



Deco Fiori  
leva o clima  
do Clube da  
Esquina ao  
seu mais novo  
trabalho: boas  
influências são  
sempre bem  
vindas

balada de questionamentos existenciais. O próprio artista explica que a composição nasce de uma perspectiva sem certezas absolutas, mas repleta de esperança como no refrão “nossa memória, nossa história não vai se apagar / não enquanto houver canções / inspirando gerações / a botar o mundo pra rodar”.

O álbum mantém diálogo reverente às excelentes referências que o

músico carrega. “Outras Paragens” convida à dança com violões gitanos de Figueiró, congas de Fabiano Salek, baixo de Berval Moraes e sax de Daniel Garcia. “Toda e Qualquer Geração” compartilha ideais humanistas em tempos de amores líquidos e inteligências artificiais.

“O Meu Mundo Cabe em Meu Quintal”, que o compositor define como sua “Certas Canções”, celebra

as canções formadoras de sua musicalidade, pontuada pela guitarra de Gustavo Corsi e o trompete de José Arimatéa.

A sofisticação melódica está em “Folhas pelo Chão”, que dialoga com Stevie Wonder e Ivan Lins. “Libra” busca equilibrar-se entre Djavan e Pink Floyd. “Pra Qualquer Lugar” dedica-se à companheira de estrada, com flautas de Andrea Er-

nst Dias. “Tão Iguais” traz Pedro Luís em dueto sobre romances virtuais.

O álbum fecha a tampa com “Que Negócio é Esse?”, homenagem ao poeta Marcio Negócio, com sanfona de Itamar Assieri e bandom de Luis Barcelos, num questionamento sobre a pressa. Aliás, não se requer preça para ouvir as canções de Deco.

## UNIVERSO SINGLE

POR A F F O N S O N U N E S

Diego Ruahn/Divulgação



### Registro audiovisual

O álbum “Rosa” recebeu registro audiovisual no estúdio Sonastério, em Minas Gerais. O projeto reúne as dez faixas do primeiro disco solo de Samuel Rosa após o fim do Skank, inclui três participações especiais: Seu Jorge em “Não Tenha Dó”, Duda Beat em “Tudo Agora” e Joyce Alane em “Palma da Mão”. Samuel destaca a experiência de gravar a banda completa no ambiente do estúdio. O repertório inclui ainda “Me Dê Você”, “Ciranda Seca”, “Aquela Hora”, “Flores da Rua”, “Rio Dentro do Mar”, “Segue o Jogo” e “Bela Amiga”.

Uhgo/Divulgação



### Frevos clássicos em EP

Léo da Bodega e a Orquestra do Avesso acabam de lançar nas plataformas digitais o EP “A Folia Começa no Amparo”, trabalho com cinco frevos clássicos do carnaval de Olinda: “Hino do Homem da Meia-noite”, “Hino da T.C Ceroula”, “Hino da T.C.M Jhon Travolta”, “Hino 10 de Xarque e uma Latinha” e “De Chapéu de Sol Aberto”. O projeto registra a tradição oral das orquestras de frevo e homenageia o trajeto cultural do Largo do Amparo, onde os blocos executam repertório específico durante a festa.

Retina Portrait



### Trilha sonora de game

A banda OneRepublic lançou “Give Me Something”, faixa criada para o game Arknights: Endfield, apresentada durante o The Game Awards. A música integra a trilha sonora do RPG de estratégia em 3D, que chega globalmente em 22 de janeiro de 2026 e já registra mais de 30 milhões de pré-registros. O jogo pertence à franquia Arknights, que soma mais de 100 milhões de downloads mundiais. O grupo já colaborou anteriormente com games, tendo criado “Mirage” para Assassin’s Creed Mirage e três faixas para o anime Kaiju N° 8 este ano.



## MORA NA FILOSOFIA

por ALDO TAVARES

Imagem criada com a IA Seedream



## Um papo com Gilberto Freyre

A última vez que vi Freyre foi na publicação de “Casa Grande e Senzala”, em 1933. Voltei a encontrá-lo na Bahia, praia do Flamengo, na rua com seu nome. Simpático e alegre, conversamos em sua sala sobre a colonização do Brasil. Entre sucos de limão com coco e acarajés, o tempo, assim como as nuvens, passou rápido por causa do silêncio reflexivo que reina em suas palavras leves e profundas. Com idade já avançada, Freyre não deixa de ser atual.

## Casa grande e muito bonita, a sua.

Ela é muito bonita por não haver senzala nela.

## Por falar nisso, Casa grande e senzala são separadas ou se misturam?

Meu livro expõe o que é a colonização brasileira, ou seja, ela é mistura, e Casa grande e senzala é uma extensão dessa mistura, não havendo, pois, separação entre branco e preto.

## Não há separação?

Não.

## Por quê?

Porque o colonizador português tinha uma predisposição híbrida de colonização, quero dizer com isso que a cultura portuguesa é indefinida por estar entre a Europa e a Ásia.

## Ou seja, o senhor fala em seu livro sobre o que pesquisei, o “entre”.

Pode me chamar de você e, quanto à sua pesquisa, eu tenho lido suas publicações na revista Ensaio Filosóficos, da UERJ, e no Ateliê de Humanidades. O que posso lhe dizer é que nossos estudos se complementam.

## É uma honra ser lido pelo senhor, digo, por você, mas voltemos à colonização híbrida.

Como você sabe, híbrido

significa “ser formado por um cruzamento”, e todo cruzamento implica o entre signos diferentes, no caso português, Europa e Ásia. É como escrevo na página 6, “o Conde Herman de Keyserling observou que da união profunda a raça não tem aqui papel decisivo”.

## O que tem papel decisivo?

Como você diria, o “entre”, sabendo que dele emerge o terceiro elemento, qual seja, a miscigenação ou a miscibilidade. A raiz latina “misc” significa “mistura”.

## O que é mistura?

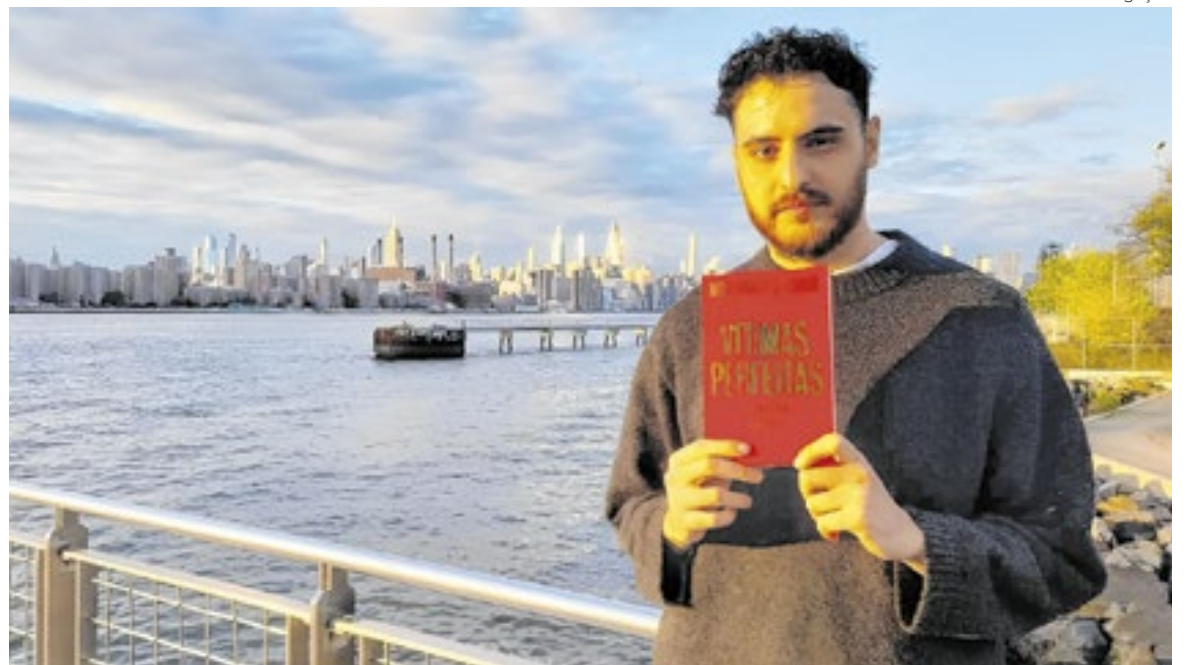
Em termo de conceito, sugiro Platão; mas, em Casa grande, pode ser lido na página 201, onde no Brasil, como em Portugal, há uma grande variedade de antagonismos, uns em equilíbrio, outros em conflito, mas a parte maior se mostra harmoniosa nos seus contrastes, formando um todo social plástico.

## Parte maior?

Isso mesmo. Em “Casa Grande,” o poder da colonização portuguesa estimulou a miscigenação para anular a oposição entre branco e preto não só na economia.

## O colonizador é mistura?

Sim, no sentido de que, no caso português, não são puros, e os portugueses são exemplares nesse aspecto.



El-Kurd combate a forma velada com que a imprensa internacional trata o genocídio em Gaza

## Um povo reduzido aos papéis de vítimas e terroristas

Em ‘Vítimas Perfeitas’, Mohammed El-Kurd se rebela contra retrato de palestinos na imprensa

DIOGO BERCITO  
Folhapress

A escrita doeu no palestino Mohammed El-Kurd, enquanto trabalhava no livro “Vítimas Perfeitas e a Política do Apelo”. Não era apenas o luto pelos quase 70 mil mortos em Gaza, explica ele no texto, mas também a dor de reconhecer que a palavra escrita era insuficiente diante das “bombas de uma tonelada” lançadas por Israel desde o início do conflito em 2023.

O livro, publicado neste ano nos Estados Unidos e lançado no Brasil pela Tabla, é um ensaio sobre a Palestina. A tese de Kurd é que o mundo reduz os palestinos a apenas dois papéis: o de vítimas e o de terroristas. Isso acaba impedindo o reco-

nhecimento de sua humanidade. O que mais chama a atenção, porém, é o seu questionamento sobre o potencial - e os limites - da linguagem - assunto a que volta com frequência, insistindo em que a crise na Palestina também é discursiva.

Mohammed El-Kurd é uma das vozes palestinas de maior alcance hoje. Aos 27 anos, esse jovem de Jerusalém mobiliza seguidores nas redes sociais com mensagens contundentes sobre a política. Seu ativismo fez com que, nos últimos anos, fosse convidado a comentar o noticiário nos principais canais de TV e a discursar em grandes universidades. Em 2021, a revista Time o incluiu entre os nomes mais influentes do mundo.

O livro reúne uma série de ensaios, alguns já publicados em

outros lugares. Em um deles, fala da jornalista Shireen Abu Akleh, morta por soldados israelenses em 2022. Em outro, relembra o poeta Refaat Alareer, morto nos ataques aéreos contra Gaza, em 2023.

Kurd acusa com frequência a imprensa estrangeira, ao tratar dessas e de outras mortes. “Correspondentes nos matam com voz passiva. As manchetes, afinal, costumam dizer que tantos palestinos ‘foram mortos’ em Gaza - sem dizer quem os matou”.

O autor também reclama dos diplomatas que, da mesma maneira, se dizem preocupados com a morte dos palestinos, mas evitam responsabilizar o governo de Israel em suas falas. Critica ainda a ênfase que a imprensa dá à morte de crianças e de mulheres palestinas em Gaza. “Uma das implicações disso é roubar das mulheres e das crianças sua capacidade de ação e suas contribuições políticas ou revolucionárias”, afirma.

Nessa investigação sobre a linguagem, Kurd pede aos leitores que repensem as palavras que usam. Diz que “colono”, por exemplo, é insuficiente para se referir aos israelenses instalados nos territórios que Israel ocupou em 1967. Esse termo “é suave, indulgente demais”, afirma. Ele se refere às Forças de Defesa Israelenses como Forças de Ocupação Israelenses.

É o texto de um ativista e, por isso, pode incomodar quem pensa diferente. Kurd não abre espaço para as justificativas de Israel, cujo governo afirma que está apenas se defendendo em Gaza, após ter sido alvo de um atentado em 7 de outubro de 2023, que resultou em 1.200 mortos. O escritor não dá muita trela aos dissidentes, o que levanta a questão de se alguém, afinal, vai mudar de opinião depois de ler o livro. Dito isso, o texto é leve e, apesar do tópico, tem até lampejos de bom humor. Por exemplo, quando faz pouco caso do poeta americano Walt Whitman em uma nota de rodapé.

“Correspondentes nos matam com voz passiva. As manchetes costumam dizer que tantos palestinos ‘foram mortos’ em Gaza - sem dizer quem os matou”

MOHAMED EL-KURD



# O Brasil na rota do Michelin

Copacabana Palace é confirmado para sediar a cerimônia do tradicional guia francês em abril

AFFONSO NUNES

A Cidade Maravilhosa receberá, no dia 13 de abril, a cerimônia de revelação do Guia Michelin 2026, que será realizada no Hotel Copacabana Palace, um dos símbolos de sofisticação carioca. O evento anunciará os restaurantes do Rio e de São Paulo contemplados com as cobiçadas estrelas, distinção máxima da gastronomia mundial que há mais de um século mapeia a excelência culinária mundo afora.

Criado em 1900 pelos irmãos franceses André e Édouard Michelin, o guia nasceu com propósitos bem distintos dos atuais. A publicação original tinha como objetivo incentivar o uso de automóveis — e, consequentemente,

o consumo de pneus fabricados pela empresa da família — oferecendo aos motoristas informações práticas sobre onde abastecer, consertar veículos, comer e se hospedar durante suas viagens pela França. Com o passar das décadas, a publicação evoluiu e se transformou em uma das referências mais respeitadas da gastronomia internacional.

O sistema de estrelas, que hoje representa o ápice do reconhecimento para qualquer chef ou restaurante, foi introduzido apenas em 1926, inicialmente com a concessão de uma única estrela. A hierarquia atual — de uma a três estrelas — foi estabelecida em 1931, e os critérios de avaliação foram publicados oficialmente em 1936. Desde então, o Guia Michelin expandiu sua presença para mais de 30 países em três continentes, avaliando



O chef Rafa Costa e Silva, do Lasai, que obteve duas estrelas do guia em sua última edição

mais de 30 mil estabelecimentos. A metodologia de avaliação permanece rigorosa e se baseia em cinco critérios universais aplicados por inspetores anônimos: qualidade dos ingredientes, harmonia dos sabores, domínio das técnicas culinárias, personalidade do chef expressa nos pratos e consistência ao longo do tempo e em todo o menu. Uma estrela significa que o restaurante “vale a pena parar”; duas estrelas indicam que “vale a pena um desvio”; e três estrelas representam que o estabelecimento “vale uma viagem específica”. Além das estrelas, o guia também destaca os Bib Gourmand, restaurantes que oferecem excelente relação entre qualidade e preço.

O Brasil integra o circuito do Guia Michelin desde 2014, quando São Paulo se tornou a primeira cidade latino-americana a receber a publicação. O Rio foi incluído em 2022, consolidando a presença brasileira no mapa gastronômico internacional. A cidade já havia sediado a cerimônia de 2024, também no Copa, enquanto São Paulo recebeu a edição de 2025, realizada no hotel Rosewood.

Na última edição, cinco restaurantes brasileiros conquistaram duas estrelas: D.O.M. e Evvai, em São Paulo, Tuju, também na capital paulista, e Oro e Lasai, no Rio. O número de estabelecimentos com uma estrela subiu para 20, refletindo o amadurecimento de nossa gastronômica. A expectativa para a cerimônia de abril é grande, com a possibilidade de novos nomes entrarem para o seleto grupo de estrelados.

## NOTÍCIAS DA COZINHA

POR N A T A S H A S O B R I N H O



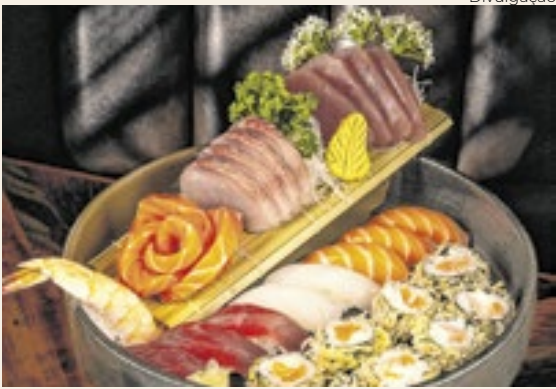
### Campanha solidária

O Spoleto, rede de franquias de comida italiana, em parceria com a Coca-Cola, anuncia o início de sua tradicional Campanha Solidária de Natal. Já está disponível a nova estampa exclusiva do prato natalino, por tempo limitado, nos restaurantes da rede. O cliente poderá adquirir a louça colecionável ao comprar qualquer refeição acompanhada de uma bebida e acrescentar R\$ 4,90. Também haverá a opção de compra avulsa pelo valor de R\$ 29,90. Os valores serão integralmente revertidos ao Instituto da Criança.



### Menu revisita clássicos

Quando a chef Roberta Ciasca abriu as portas de seu primeiro restaurante, em 2005, na casa que pertenceu a sua avó, em um imóvel de 1890, não imaginava que 20 anos depois estaria comemorando o aniversário de um clássico da gastronomia carioca. O cardápio comemorativo elaborado para celebrar os 20 anos do Miam Miam resgata os maiores xodós da casa como as Croquetes de frango ao curry e chutney de banana com coco e o Camarão com spaghetti de pupunha e creme de alho assado.



### Experiência completa

Com 29 anos de história na Zona Sul, o Minimok, referência em gastronomia japonesa, acaba de abrir novo espaço na área gastronômica do Shopping Leblon. À frente da marca estão Eduardo e Cris Preciado, empresários apaixonados pela cultura japonesa e pioneiros na Rua Dias Ferreira. O local de ambiente moderno, inspirado na estética minimalista foi planejado para proporcionar uma experiência completa, seja para quem busca uma refeição rápida ou para quem prefira sentar no balcão, com apenas cinco lugares.



## FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Respeita  
as minas!

Diante de tanta violência contra as mulheres, essa ascensão, escalada de violência contra mulheres e sucessão de feminicídios, agressões deliberadas descabidas, desproporcionais – se é que podemos chamar qualquer agressão de proporcional –, não posso me calar e ficar de canetas cruzadas diante de um assunto tão grave, tão retrógado, e ao mesmo tempo, tão atual.

Os números são absolutamente alarmantes nos últimos dias, talvez proporcionais a omissão da sociedade com o vetusto pensamento que “em briga de casal não se mete a colher”. Tivemos pequenos avanços que se mostram insuficientes e ineficazes. Não adianta criar leis que são para justificar o enxugamento de gelo sem uma conscientização em todas as esferas da sociedade civil.

Não é mais possível normalizar que na vizinhança o ‘marido’ grite com sua companheira, que os roxos constantes, pelo corpo, são batidas em quinas e escorregões rotineiros, sucessivos e fruto ‘de uns óculos já sem efeito’ ou da ‘labirintite que ‘ataca’ constantemente’. Este ataque tem nome e sobrenome e mora sob o mesmo teto da vítima, que um dia poderá se tornar fatal.

A figura masculina se achar ‘dona’ de sua companheira, como um senhor escravagista que faz de sua parceira uma cativa de seus desejos, de seus caprichos e de seus ‘ideais’, que não a deixa sonhar, presságios talvez. Já foi tempo que os coronéis ‘Jesuínos’ ‘usavam’ suas esposas, em relacionamentos possessivos, abusivos e com contexto sexualizado. Isso ficou na trama de Gabriela, escrita por Jorge Amado no contexto de um Brasil do século passado. Já faz 100 anos.

Aquele que se relaciona crendo estar no século passado com ideais de submissão ou talvez, até quem sabe, na Idade da Pedra agindo pré-historicamente pensando que pode arrastar uma mulher pelos cabelos ou usar sua borduna quando ela não lhe é mais ‘útil’.

Precisamos de mais engajamento do poder público, precisamos de mais atenção das autoridades constituídas, para essa epidemia, essa covardia, essa falta de humanidade, esse desamor que graça atualmente.

Homem que é homem, no sentido absolutamente mais amplo da palavra, cuida, ama de verdade, tem apreço pela vida de sua companheira, não vê nela uma escravizada, mas sim, acima de tudo, uma amiga incrível, capaz de estender a mão e o ombro amigo nas horas mais complexas, seguindo lado a lado sempre. Homem que ama não agride, não mata. Ninguém é propriedade de



ninguém.

Sigamos as frasezinhas mágicas, aquelas que nossas mães, mulheres incríveis que nos geraram, deram à luz, nos ensinaram repetidas vezes, para que não as esquecêssemos de jeito algum: “Não é não!”, “Seu

corpo (das mulheres), suas regras”, “Quem ama não mata!”, “Respeito é bom e elas gostam”, “Respeito acima de tudo”. Lembremos também do verso poetizado dito pelo compositor: “Em mulher não se encosta nem uma rosa em flor!”.

São expressões mágicas como estas que farão uma vida ter valor, ter felicidade e, principalmente, ter mais amor por favor.

Façamos como o poetiza Gil: “... Como Deus, mudemos o curso da história, por causa da mulher”. Por

todas as Marias em alertas mágicos.

Respeita as minas! Nunca provoque quem jamais foge à luta.

\*Se estiver sendo agredida não se cale, procure a Delegacia da Mulher mais próxima ou ligue 190. Denuncie. Esta atitude pode salvar sua vida.